



GT 81. Dimensões políticas da Antropologia do Esporte: legados dos estudos de Simoni Lahud Guedes

Coordenador(es):

José Ronaldo Mendonça Fassheber (UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná)

Em 1977 Simoni Lahud Guedes defende sua dissertação de mestrado no Museu Nacional (UFRJ) intitulada “Futebol Brasileiro: instituição zero”. Tal pesquisa inaugura, na Antropologia, os estudos sobre futebol e prenuncia, evidentemente, um inédito campo de Antropologia do Esporte no país. Apesar do trabalho citado não ter sido publicado na íntegra, direta ou indiretamente influenciou, em anos subsequentes, professoras/es e pesquisadoras/es, que se lançaram em pesquisas sobre o futebol e seus elementos constitutivos e sobre problemáticas desta nova subárea de conhecimento. A partir deste cenário instituído e da importância crescente que ganha o esporte enquanto objeto de análise na atualidade, o objetivo deste GT é resgatar o legado de uma produção antropológica sobre esportes, que possa dar conta da envergadura e da importância dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos em âmbito regional/nacional (e também em comparação com América Latina) nas temáticas discutidas na produção acadêmica da Simoni Guedes, nos últimos 40 anos: antropologia do corpo, futebol e identidade nacional, dimensões sociais e políticas do esporte, situações de conflito entre torcedores de futebol, socialização e profissionalização via esportes, políticas públicas esportivas no Brasil e/ou na América Latina, e estudos antropológicos de práticas esportivas. Para tanto, o GT aceitará pesquisas concluídas ou em andamento, de mestrado, doutorado ou pós-doutorado vinculadas de alguma maneira a tais temáticas.

Simoni Guedes: a precursora das discussões sobre gênero no futebol brasileiro

Autoria: Wagner Xavier de Camargo (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

No final dos anos 1970, Simoni Lahud Guedes defendeu um mestrado sobre futebol, o qual pode ser considerado o work inaugural dos estudos sobre futebol na Antropologia brasileira. Naquela época, ainda se vivia sob os ventos da chamada “revolução sexual” dos anos sessenta e o conhecimento acerca da sexualidade humana estava em processo de descoberta e redimensionamento (o campo de estudos de gênero nascera nesse contexto). A própria homossexualidade era ainda mantida como doença mental. Guedes, como mulher e pesquisadora, que faz um work sobre um esporte considerado “área de reserva masculina” no país poderia ter dado origem também ao campo de debates sobre gênero no futebol/esportes em âmbito nacional? Esta pesquisa seminal fez um duplo movimento: de um lado percorreu a produção intelectual de Guedes, que passou pela antropologia do corpo, futebol e identidade nacional, dimensões sociais e políticas do esporte, situações de conflito entre torcedores de futebol, socialização e profissionalização via esportes, e estudos antropológicos de práticas esportivas, e de outro, tentou olhá-la a partir da perspectiva de gênero para se perguntar: em que medida se poderia dizer que mesmo sem teorizar sobre gênero, Guedes introduziu a problemática de gênero a partir de sua visão de mulher dentro do futebol enquanto campo hegemônico no esporte brasileiro? A apresentação desta hipótese e desdobramento da mesma será anunciada neste GT.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: